

O MITO DO DUPLO EM GRANDE SERTÃO: Veredas

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Atualmente é doutoranda em Literatura e Estudos Culturais. Possui mestrado em Literatura e Estudos Culturais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Graduada em História e em Filosofia pela mesma instituição. É professora da educação básica do estado da Paraíba. ayannealmeidasouza@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa a uma análise do mito do duplo na obra *Grande Sertão: Veredas*, do escritor brasileiro Guimarães Rosa. Temos por objetivo demonstrar a tese de que as personagens Diadorim e Hermógenes apresentam-se enquanto desdobramentos do eu de Riobaldo, narrador-personagem do livro. Para isso, traremos os aportes de teóricos que trataram em suas obras sobre a questão da duplicidade, tais como Sigmund Freud, Clément Rosset, Otto Rank, C.F. Keppler, entre outros, com o intuito de melhor embasarmos nossa investigação. A partir da visão riobaldiana sobre as personagens destacadas, concluímos que Diadorim e Hermógenes, que emergem enquanto contradições opostas da personalidade de Riobaldo, podem ser percebidas como o estranho familiar que habita o narrador da obra, uma vez as personagens mostram-se como dimensões as quais Riobaldo reconhece e nega em si próprio, percebendo-se vazio, carente de uma essência humana que pudesse dar à existência um sentido. Riobaldo, muito aquém de representar uma síntese dialética, é a expressão máxima da impossibilidade de uma solução das contradições da condição existencial do sujeito humano.

Palavras-chave: Filosofia. Literatura. Grande Sertão: Veredas. Mito do duplo. Doppelgänger.

ABSTRACT

This paper aims at an analysis of the myth of the double in the work *Grande Sertão: Veredas*, by the Brazilian writer Guimarães Rosa. We aim to demonstrate the thesis that the characters Diadorim and Hermogenes present themselves as unfoldings of the self of Riobaldo, narrator-character of the book. For this, we will bring the contributions of theorists who dealt in their works on the issue of duplicity, such as Sigmund Freud, Clement Rosset, Otto Rank, C.F. Keppler, among others, in order to better base our investigation. From the Riobaldian view of the featured characters, we conclude that Diadorim and Hermogenes, which emerge as opposite contradictions of Riobaldo's personality, can be perceived as the familiar stranger that inhabits the narrator of the work, once the characters are shown as dimensions. which Riobaldo recognizes and denies in himself, perceiving himself as empty, lacking a human essence that could give meaning to existence. Riobaldo, far short of representing a dialectical synthesis, is the ultimate expression of the impossibility of a solution to the contradictions of the existential condition of the human subject.

Keywords: Philosophy. Literature. Grande Sertão: Veredas. Myth of the double. Doppelgänger.

1 INTRODUÇÃO

A obra de Guimarães Rosa possui uma preocupação contundente com a perspectiva da duplicidade em suas mais variadas tramas e dimensões. Tal duplicidade apresenta-se em sua mais grandiosa obra, *Grande Sertão: Veredas*, em muitas perspectivas prismáticas, como sendo a característica de um estado, de algo ou de alguém que traz em seu bojo qualidades distintas, opostas ou também emerge como rasgo peculiar do que demonstra características diferentes daquilo que costumeiramente é.

Podemos perceber, ao longo da produção literária de Rosa, que a duplicidade surge como uma temática constante que coloca em oposição não apenas categorias de valores, como bem e mal, mas dimensões mítico-religiosas – Deus/Diabo –, bem como a própria condição existencial humana, remontando a filósofos pré-socráticos, como Heráclito, assim como também a sofística – de tão grandiosa importância para a filosofia ao trazer as questões filosóficas para o indivíduo concreto e antecipando em mais de dois mil anos os debates da contemporaneidade.

Em diversos momentos, Riobaldo, narrador-personagem da obra, que rememora suas memórias, dimensões superficialmente semelhantes, mas que guardam em seu âmago traços que as distinguem, como bem salienta Kathrin Rosenfield (1993). Relembração e lembrança se constituem enquanto uma duplicidade que confere, desde o início do discurso de Riobaldo, um acento duplo que demonstra não ser a fala, aquilo que está sendo contado, o registro absoluto dos fatos, mas a narração de uma complexa tessitura de uma “verdade” que encontra-se acima e além dos fatos revelados, uma verdade que, como diz a autora, está velado, enigmático, envolto em fumaça, neblina:

Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. Agora, o senhor exigindo querendo, está aqui que eu sirvo forte narração (GSV, 1994, p.318)

Conforme Rosenfield (1993), o narrador não tem por deleite recordar suas façanhas individuais, estabelecer os fatos que se lhe sucederam enquanto sertanejo (dimensão geográfica) e jagunço (dimensão social), mas buscar a memória, a dimensão que transcende e se universaliza, que apreoa uma verdade absoluta, válida a-temporalmente e a-especialmente, que encontra-se além

Ayanne Larissa Almeida de Souza

dos causos particulares de suas reminiscências particulares alça-se ao universal. Portanto, o discurso de Riobaldo situa-se em uma fronteira, um entre-lugar, uma duplicidade que oscila a meio-termo de lembranças difusas, cujos contornos se perdem e de uma fala discursiva que não é capaz de apreender, em sua totalidade, as neblinas e as fumaças do passado.

Neste trabalho, temos por objetivo dissertar sobre o mito do duplo na obra Grande Sertão: Veredas, tomando como base de nossa análise a relação entre Riobaldo/Hermógenes e Riobaldo/Diadorim, demonstrando que a fragmentação da personagem se esbate, no contato com as duas personagens, tese e antítese de sua própria síntese, revela-se enquanto sentimentos e sensações contraditórias, exprimindo hesitações e receios, bem como vacilação, medo, e admiração ao se expressar.

A partir da dialética de Georg Friedrich Hegel (1770-1831), cujos elementos do esquema básico são a tese, a antítese e a síntese, no qual encontramos a tese como uma afirmação ou uma situação inicialmente dada; a antítese enquanto oposição à tese e, do conflito entre tese e antítese, emergiria a síntese, uma situação nova que traz em si os elementos resultantes do embate. Para Hegel, a antítese surge como a Ideia, o Espírito Absoluto que, saindo do em-si, atira-se para o fora-de-si, autoconscientizando-se. Queremos demonstrar de que maneira Diadorim e Hermógenes podem ser considerados como duplos de Riobaldo e de que forma ambas as personagens, contemplando as dimensões do bem e do mal sintetizadas no indivíduo Riobaldo, podem ser simbolizadas pela dialética hegeliana, sendo Diadorim a tese, o refúgio e Hermógenes a antítese, o movimento, e Riobaldo a síntese, o próprio sertão constituído pelos embates contraditórios da existência e que, ao contrário do que Hegel acreditava e que Søren Kierkegaard (1813-1855) tão bem irá perceber, longe de constituir uma solução aos dilaceramentos ambíguos da condição existencial humana, Riobaldo emerge como a força dionisíaca de Friedrich Nietzsche (1844-1900), a força destrutiva que fragmenta o indivíduo, que o atira no caos de sua própria condição de humano. Riobaldo sintetiza não a solução das contradições humanas, contudo afirma a vida a partir da destruição que se configura enquanto criação.

2 O mito do Duplo – O estranho familiar que está em nós

Para Sigmund Freud, a problemática do duplo mostra-se como um enredo assaz problemático. O duplo seria outro si-mesmo, incógnito, velado, mas reconhecido pelo eu mediante a sensação de estranhamento que é capaz de provocar no indivíduo. A maneira despedaçadora através da qual o sentimento do estranho familiar se insurge mostra-se mais forte nos mecanismos mediante os quais o imaginário consegue prevalecer, qual seja, a literatura. Exatamente por isso o pai da psicanálise utilizar-se-ia do amplo e complexo mundo literário para identificar este sutil e desconhecido, porém familiar esfinge que nos habita.

Na literatura, encontramos diversas representações da duplicidade, das tragédias gregas, com Édipo fragmentado entre quem julgava ser e quem de fato era, passando pela *Comédia dos Erros*, de William Shakespeare, no qual aparece a mais popular representação do duplo, a dos irmãos gêmeos, até chegamos no duplo da modernidade, o indivíduo humano fendido pela aniquilação dos valores morais, pela “morte de Deus”, pela perda da bússola metafísica que respondia às questões existenciais humanas e conferia ao sujeito um norte para as suas ações. Nos séculos do niilismo, como afirmou Nietzsche, a essência humana desfaz-se e este não sabe mais quem é. Fende-se, pois, não em dois, mas em mil pedaços, pulveriza-se.

As próprias lendas heroicas já usavam deste artifício de usurpação de identidade, enredos construídos por sobre alicerces de semelhanças físicas, os apoderamentos dos correlativos podem ser vistos até nas mitologias, como a indiana. Molière, no século XVII, tomando o mito de Hermes, que se transforma em sócias, escreve uma engraçada desventura dentro de um casamento no qual os conflitos psicológicos são os responsáveis por criarem o duplo. São considerados duplos espelhos, fantasmas, gêmeos, retratos, aparições, sombras, neblinas.

No texto, *Das Unheimlich*, Freud atesta que, embora o duplo possa parecer algo de estranho a nós, uma dimensão externa ao eu, ele sempre esteve conosco desde o princípio do funcionamento da psique do indivíduo, sempre a pronto a emergir e ocasionando uma sensação de estranheza, de sinistro. Clémant Rosset (2008) afirma que a duplicidade ocorre na esfera psicológica e encontra-se relacionada às estruturas básicas da realidade. A unidade que caracteriza o indivíduo humano e confere seu valor também concebe a sua própria finitude. Em decorrência deste fato, surge a desvalorização do próprio ser. A morte do único é irremediável.

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Seria essa, segundo Rosset (2008, p.84), a “fragilidade ontológica” de tudo e qualquer coisa que possa existir. A individualidade, a singularidade coexiste concomitantemente com a finitude. O duplo insurgir-se-ia exatamente a partir deste paradoxo: singularidade e morte. O medo à aniquilação do eu único e coeso propicia o desdobramento e a fragmentação da personalidade. A respeito de tal aspecto, Rosset salienta que:

Esta imagem, que só faz concretizar o habitual fantasma da duplicação do único, apresenta, entretanto, uma particularidade notável: aqui o único duplicado não é mais um objeto ou acontecimento qualquer do mundo exterior, mas sim um homem, quer dizer, o sujeito, o próprio eu. (ROSSET, 2008, p.84)

O estranho, portanto, instala e lança novos olhares sobre os alicerces que sustentam os pilares do eu, pois o duplo apresenta-se como um paradoxo, um temperamento desconhecido pelo eu consciente, uma natureza que resguarda em si mesma uma contradição subjetiva que o sujeito ignora, recusa, menospreza, nega ou condena. O estranho familiar, contudo, reside na mais idiossincrática subjetividade do eu.

O duplo pode configurar, por um lado, o desejo de desconhecer aquilo que é conhecido, que é próprio do eu, ou, por outra parte, o desejo de tornar-se senhor desse conhecimento para não mais ter de conhecer. Otto Rank, em seu livro sobre o duplo, salienta que tal fenômeno dá-se mediante o pavor ancestral do indivíduo em relação à sua própria mortalidade. O duplo vivenciado pelo sujeito duplicado é imortal e tem por objetivo salvaguardar o indivíduo da própria efemeridade. Desse modo, Rank (1973, p.71) diz que:

Un motif qui trahit un certain rapport entre la crainte de mourir et la disposition au narcissisme, est le désir de rester toujours jeune. Il se manifeste d'un côté par le désir qu'al'individu de se maintenir à un certain stade de son évolution, d'un autre côté par la crainte de vieillir qui, en dernier lieu, n'est pas autre chose que la crainte de mourir. Avec l'exclamation de Dorian Gray, chez Wilde: “Si je m'aperçois que je vieillis, je me tue”, nous nous chions au sujet si important du suicide par le quel les nombreux héros pour suivis par leur Double terminent leur vie. A première vue, entre le suicide au quel recoururent ces héros et la crainte de la mort que nous constatons chez eux, il n'y a qu'une contradiction apparente. Mais en étudiant de près les situations, on voit que le suicide est autant une manifestation de leur crainte de mourir que de leur disposition au narcissisme; car ces héros et leur sauteurs (dans la mesure où ces derniers se sont réellement suicidés [Raimund, Maupassant], ou ont tenté de sesuicider) ne craignent pas la mort : ce qui leur est insupportable, c'est l'attente de leur sort inévitable. Aussi Dorian dit-il: “Je n'ai pas peur de la mort, c'est seulement son approche qui m'effraye.” La pensée normalement inconsciente de la destruction future du Moi (le meilleur exemple du refoulement d'une notion insupportable) martyrise ces malheureux en leur représentant leur disparition complète pour tout éternité. Seule la mort peut les débarrasser de ce martyre. Ainsi s'explique le fait paradoxal que pour se débarrasser d'une angoisse insupportable de mourir on se précipite volontiers dans la mort.

Para Rank, a duplicidade é abordada mediante a perspectiva do espelho, da sombra, do espírito protetor ou do medo da morte. Clément Rosset (2008), todavia, discorda do que chama a

Ayanne Larissa Almeida de Souza

superficialidade do diagnóstico de Rank, pois afirma que, muito mais que a morte, o que angustia o sujeito é a certeza da não existência:

É verdade que o duplo é sempre intuitivamente compreendido como tendo uma realidade melhor do que o próprio sujeito – e ele pode aparecer neste sentido como representando uma espécie de instância imortal em relação à mortalidade do sujeito. Mas o que angustia o sujeito, muito mais do que a sua morte próxima, é antes de tudo a sua não-realidade, a sua não-existência. Morrer seria um mal menor se pudéssemos ter como certo que ao menos se viveu; ora, é *desta vida mesma*, por mais percível que por outro lado possa ser, que o sujeito acaba por duvidar no desdobramento da personalidade. (2008, p.88)

De acordo com exposto, o encontro com o duplo emerge sempre como fonte de sofrimento para o sujeito duplicado, pois, conforme Bravo (1997), o indivíduo desdobrado concebe a ilusão de que pode agir no mundo exterior. Entretanto, nada mais faz que projetar, na realidade objetiva, o drama da fissão interior, a cisão do eu. Sendo assim, a descoberta do duplo retrata o triunfo da unicidade do eu que havia sido cindido.

O duplo é um outro ao mesmo tempo que é si mesmo, mas que observa o outro e o faz indagar-se: “Que queres tu de mim?”. A temática do duplo é tratada por Freud mediante o conceito de uma inquietante estranheza, uma categoria do singular aterrorizante que se reporta avante, mas que é há muito tempo conhecido, há muito tempo familiar, contudo, tornando-se pavoroso por corresponder a alguma material recalcado que retornou ao consciente.

Na investigação freudiana sobre o mito do duplo, o *Inquietante* ou o duplo seria justamente aquilo que provoca terror. Algo terrível que ocasiona angústia, desesperação e uma vulnerabilidade a respeito deste sentimento que muda de pessoa para pessoa. O *inquietante* é despertado mediante uma causa externa ao sujeito, uma impressão produzida por algo familiar, porém que assume, para o sujeito, uma particularidade nova que era, até então, desconhecida.

Das Unheimlich “seria tudo que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (FREUD, Vol. XIV, p.338). Freud analisa o ponto no qual aquilo que é familiar torna-se estranho. Por esta razão, o sinistro é perturbador e inquietante para o sujeito que o descobre. Esta descoberta pode dar-se mediante pessoas, eventos, situações, sentimentos; qualquer desses fatores pode concorrer para o surgimento do duplo.

Portanto, para Freud (2010), a duplicidade encontra-se relacionada ao narcisismo, uma dimensão do *eu* inconsciente que serve como objeto para a observação do *eu* consciente.

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Segundo Freud (2010), tanto os estratos dessa esfera estranha e, ao mesmo tempo, familiar podem projetar-se no duplo, quanto as infinitas possibilidades existenciais não realizadas pelo eu, as fantasias do inconsciente que teimam em agarrar-se ao eu, bem como as tendências do eu que não conseguiram se impor:

A ideia do duplo não desaparece necessariamente com esse narcisismo inicial, pois pode adquirir novo teor dos estágios de desenvolvimento posteriores da libido. No Eu forma-se lentamente uma instância especial, que pode contrapor-se ao restante do Eu, que serve à auto-observação e à autocrítica, que faz o trabalho da censura psíquica e torna-se familiar à nossa consciência [Bewusstsein] como “consciência” [Gewissen]. No caso patológico do delírio de estar sendo observado, ela torna-se isolada, dissociada do Eu, discernível para o médico. O fato de que exista uma instância assim, que pode tratar o restante do Eu como objeto, isto é, de que o ser-humano seja capaz de auto-observação, torna-se possível dotar de um novo teor a velha concepção do duplo e atribuir-lhe várias coisas, principalmente aquilo que a autocrítica vê como pertencente ao superado narcisismo dos primórdios. (FREUD, 2010, p.352)

O duplo torna-se uma imagem de assombro e se insurge mediante um conflito psicológico do indivíduo, converte-se pois, na projeção, na realidade objetiva, de uma desordem particular. Segundo Keppler (1976), o duplo é idêntico e, concomitantemente, distinto o original. É interior e exterior e, por isso mesmo, torna-se fascinante para aquele que é duplicado e tem capacidade de provocar no indivíduo reações extremas de repulsa ou atração. É justamente esta dimensão da duplicidade em Riobaldo, mediante a repulsa que sete por Hermógenes e a atração que por Diadorim, que pretendemos mostrar como o mito do duplo pode ser observado na obra *Grande Sertão: Veredas*.

3 Os desdobramentos de Riobaldo – Hermógenes e Diadorim como fragmentos duplicados do eu riobaldiano

O mito do Duplo é uma das problemáticas mais investigada e analisadas dentro da dimensão literária. Como salienta Mello (2000, p.111):

A ideia de duplicidade do Eu é uma noção antiga e se desdobra em várias acepções, consoante o contexto de que e de onde se fala. Na literatura, o tema do duplo é recorrente porque diz respeito a questões muito inquietantes para ao ser humano. “Quem sou eu?” e “o que serei depois da morte?” São indagações perenes que se projetam na criação artística de todos os tempos e sugerem representações do desdobramento do Eu que pensa e, ao mesmo tempo, é objeto da reflexão.

O mito do duplo encontra-se no imaginário da humanidade desde os mitos da antiguidade. Suas principais manifestações insurgem-se através das figuras de irmãos gêmeos, sócias, espelhos, fantasmas. É o ver-se no outro, a duplicidade, a dualidade, um familiar que é, ao mesmo tempo,

Ayanne Larissa Almeida de Souza

conhecido e estranho. Um estrangeiro conterrâneo que nos habita. Foi Jean-Paul Richter, escritor alemão, quem inaugurou o termo no final do século XVIII. Para Bravo (1997, p.261):

Uma das primeiras denominações do Duplo é o de alter ego. [...] O termo consagrado pelo movimento do romantismo é o de Doppelgänger, cunhado por Jean-Paul Richter, em 1796 e que se traduz por “duplo”, “segundo eu”. Significa literalmente “aquele que caminha do lado”, “companheiro de estrada”. Endossamos a definição dada pelo próprio Richter: “assim designamos as pessoas que se veem si mesmas”. O que daí se deduz é que se trata, em primeiro lugar, de uma experiência de subjetividade.

A partir do século XIX, temas caros aos escritores, como a fragmentação do indivíduo, passam a fazer parte da problemática da duplicidade. Juan Bargalló (1994), teórico espanhol que dissertou sobre a questão do duplo no ocidente, salienta que, no que diz respeito à literatura, a duplicidade emerge como oposição dos contrários, o que remete aos princípios mesmos da própria filosofia antiga ocidental, nos pensamentos de Parmênides e Heráclito. Para Gilbert Durand (2002), o que denomina de *regime de antítese* refere-se ao desdobramento do duplo que, para o autor, remete mesmo à oposição, ao complemento que cada qual encontra no outro. Portanto, o desdobramento dar-se-ia pelo fato de que, carente de uma essência, o sujeito reconhece o vazio em si e busca no outro aquilo que seria capaz de preenchê-lo.

Na obra em questão, analisamos a personagem Riobaldo, narrador-personagem do romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, percebendo a presença desta duplicidade nas personagens Diadorim e Hermógenes. Ambos podem ser analisados enquanto desdobramentos de Riobaldo, compondo a própria oposição dos contrários entre Bem e Mal, que constituem o sujeito humano.

O primeiro elemento que constitui o desdobramento do duplo é o fato das duas personagens serem, para Riobaldo, familiares, pessoas com as quais convivia e tinha intimidade, contudo também caracterizam-se por serem desconhecidas, fontes de dubiedade, de estranheza e escrutínio. Tanto Diadorim quanto Hermógenes são referidos pelo narrador enquanto objetos translúcidos: “Diadorim é minha neblina” (GSV, 1994, p.27) e sobre Hermógenes, diz: “Sempre me lembro dele, me lembro mal, mas atrás de muitas fumaças” (GSV, 1994, p.158). O ver o outro velado por uma membrana que impede a si próprio de reconhecer claramente quem é, faz de Riobaldo um sujeito que não conhece a si mesmo, carente de uma essência a partir da qual a existência pudesse ser predeterminada. Nem herói nem anti-herói, o indivíduo humano encontra-se sozinho, em face de um mundo irracional e caótico, sem quaisquer leis por trás dos fenômenos capazes de lhes conceder um sentido.

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Riobaldo é sua própria neblina, vê-se através de fumaças, não é capaz de conhecer-se, de enquadrar-se em sistematizações conceituais e teóricas que visavam, desde a filosofia hegeliana, apreender a vida em sua totalidade. Friedrich Hegel tentara sintetizar as contradições próprias do sujeito humano, contudo estas mesmas contradições são inerentes à condição existencial do indivíduo humano. À essa forma singular do viver humano dá-se o nome de existência.

Diadorim e Hermógenes emergem como desdobramentos contrários de Riobaldo, a tese e a antítese da síntese riobaldiana que, por sua vez, não é capaz – como o queria Hegel – de solucionar as oposições intrínsecas à condição humana. As descrições que Riobaldo faz de ambas as personagens transparece esta duplicidade em si mesmo: “Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas.” (GSV, 1994, p.33); “Espiei Diadorim, a dura cabeça levantada, tão bonito tão sério.” (GSV, 1994, p.46). O esboço de Hermógenes feito por Riobaldo remete à própria figura diabólica do imaginário cristão:

O Hermógenes: ele estava de costas, mas umas costas desconformes, a cacunda amontoava, com o chapéu raso em cima, mas chapéu redondo de couro, que se que uma cabaça na cabeça. Aquele homem se arrepanhava de não ter pescoço. As calças dele como que se enrugavam demais da conta, enfolpavam em dobrados. As pernas, muito abertas; mas, quando ele caminhou uns passos, se arrastava – me pareceu – que nem queria levantar os pés do chão. (GSV, 1994, p.158)

O conflito de sentimentos que permeia Riobaldo a respeito de Diadorim e hermógenes constitui-se enquanto a própria oposição dos contrários. Diadorim emerge como o remanso, a tranquilidade, o bem-estar, a serenidade de Riobaldo. A beleza e a seriedade sempre atrelada à sua pessoa. Diadorim é, em si mesma, dupla: fêmea, criada como macho, faz-nos pensar sobre os papéis sociais de homem e mulher estabelecidos na sociedade. Quando Simone de Beauvoir (2016, p.11) afirmou sua máxima “ninguém nasce mulher, torna-se”, permite que percebamos a obra de Rosa enquanto campo fértil para as discussões de identidades de gênero. Uma vez que o indivíduo carece de essência que predetermine, o sujeito está condenado à condição de liberdade diante da qual constrói-se enquanto indivíduo, como salienta Jean-Paul Sartre (2012), os papéis contrários de homem e mulher aniquilam-se. Diadorim/Reinaldo demonstra a oposição da condição existencial humana em si mesmo.

Riobaldo refere-se a Diadorim enquanto ambiguidade, uma vez que esta apresenta-se sob diversas facetas, tal como em um quebra-cabeças cuja tessitura só é completada no final. Em algumas partes do romance, as descrições dadas por Riobaldo, bem como por outras personagens, assemelham-se àquelas que o narrador faz da própria figura de Deus:

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquinim – a galinholagem deles. – “É preciso olhar para esses como um todo carinho...” – o Reinaldo disse. Era. Mas o dito, assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem-d’armas, brabo bem jagunço – eu não entendia! Dum outro, que eu ouvisse, eu pensava: frouxo, está aqui um que empulha e não culha. Mas, do Reinaldo, não. O que houve, foi um contente meu maior, de escutar aquelas palavras. Achando que eu podia gostar mais dele. Sempre me lembro. De todos, o pássaro mais bonito gentil que existe é mesmo o Manuelzinho-da-croa. (GSV, 1994, p.196)

Diadorim emerge em três dimensões: a primeira ligada aos “rios verdes”, dos quais Urucúia, uma de suas esferas, que é retratado enquanto manso e bravio ao mesmo tempo e que remete à contradição masculino/feminino de Diadorim/Reinaldo: “Deus nunca desmente. O diabo é sem parar. Saí, vim, destes meus Gerais; voltei com Diadorim. Não voltei? Travessias... Diadorim, os rios verdes.” (GSV, 1994, p.436). O âmbito de mansidão e passividade ligados à figura de Diadorim enquanto dimensão feminina, remete às descrições que Riobaldo faz de Deus: “Deus é paciência.”, “Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre.” (GSV, 1994, p.25). Em outra associação, Diadorim surge como a própria neblina de Riobaldo, o estranho familiar que o habita, ao qual reconhece mas, que, contudo, emerge a sensação de estranheza, de estranhamento: “Diadorim me veio, de meu não-saber e querer. Diadorim – eu adivinhava. Sonhei mal?” (GSV, 1994, p.437). Riobaldo sentia Diadorim como parte de si próprio, descreve a sensação de estranhamento diante da figura emblematicamente contraditória em si mesma que é Reinaldo/Diadorim:

Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim-que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas. (1994, p.409)

O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu. (1994, p.439)

Amor é a gente querendo achar o que é da gente. (GSV, 1994, p.510)

A outra personagem que reconhecemos como desdobramento de Riobaldo e a outra ponta da oposição contraditória, Hermógenes, a antítese da dialética hegeliana, surge como o imaginário do Diabo, o mal, o movimento, a virilidade, a coragem que o próprio Riobaldo almeja possuir. Hermógenes provoca a sensação de estranhamento no narrador pelo sentimento ambíguo de repulsa e desejo que Riobaldo parece desferir ao jagunço. Enquanto Diadorim aparece como o lado iluminado e belo de Riobaldo, Hermógenes emerge como a dimensão sombria e obscura, disforme como a própria aparência descrita pelo narrador: “costas desconformes, a cacunda amontoava, com o chapéu raso em cima [...] que se que uma cabaça na cabeça” (GSV, 1994,

Ayanne Larissa Almeida de Souza

p.158). Riobaldo trava com Diadorim e Hermógenes uma relação de duplicidade entre desejo e temor, admiração e repulsa tanto por quanto por outro.

Diadorim, Deus, demonstra o caráter manso, mas também suspirava pela morte, por “sangues fora das veias” (GSV, 1994, p.510). Na cena a seguir, Riobaldo observa os sentimentos contraditórios do amigo ao dizer que o mesmo fervia de ódio, um ódio que parecia amor, mas que, ao mesmo tempo, não parecia modificar-se. O ódio de Diadorim é manso, é paciente, “Deus é paciência”:

Diadorim dizia. – “Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados...” E ele suspirava de ódio, como se fosse por amor; mas, no mais, não se alterava. De tão grande, o dele não podia mais ter aumento: parava sendo um ódio sossegado. Ódio com paciência; o senhor sabe? (GSV, 1994, p.34)

Hermógenes, por outro lado, ainda que alçado à categoria de um pactário, o Azinhavre, o Fancho-Bode, o Demônio, que nasceu formado tigre, aquele que tem “pauta”, que “se quis com o Capiroto” (GSV, 1994, p.60). A sensação de estranhamento que surge em Riobaldo com relação a Hermógenes opõe-se ao próprio desejo que o narrador demonstra ter dos atos praticados por Hermógenes. Sobre a personagem, Riobaldo comenta diversas vezes que Hermógenes fizera o “pauto”, que os “Judas” possuía “proteção preta”. Ao saber disso, ele mesmo, pelo sentimento de estranhamento, de repulsa e admiração, admite a própria fraqueza e medo que nutria por tal figura pactária, temor este que provinha de reconhecer em si sua própria dimensão obscura, que tentava reprimir. Esta repressão emergia como ódio em relação a Hermógenes. O reconhecimento desse lado carnal, do sujeito humano enquanto animal, encontra-se na seguinte fala:

A gente viemos do inferno – nós todos – compadre meu Quelemém instrui. Duns lugares inferiores, tão monstro-medonhos, que Cristo mesmo lá só conseguiu aprofundar por um relance a graça de sua substância alumiável, em as trevas de véspera para o Terceiro Dia. Senhor quer crer? Que lá o prazer trivial de cada um é judiar dos outros, bom atormentar; e o calor e o frio mais perseguem; e, para digerir o que se come, é preciso de esforçar no meio, com fortes dores; e até respirar custa dor; e nenhum sossego não se tem. Se creio? Acho proseável. (GSV, 1994, p.61)

Na cena que Riobaldo descreve a sede sanguinária de Hermógenes pela morte, fá-lo de tal modo que toda a cena parece de uma mansidão e paciência que remete à figura de Deus:

Mas o Hermógenes era fel dormido, flagelo com frieza. Ele gostava de matar, por seu miúdo regozijo. Nem contava valentias, vivia dizendo que não era mau. Mas, outra vez, quando um inimigo foi pego, ele mandou: – “Guardem este.” Sei o que foi. Levaram aquele homem, entre as árvores duma capoeirinha, o pobre ficou lá, nhento, amarrado na estaca. O Hermógenes não tinha pressa nenhuma, estava sentado, recostado. A gente podia caçar a alegria pior nos olhos dele. Depois dum tempo, ia lá, sozinho, calmoso? Consumia horas, afiando a faca. Eu ficava vendo o Hermógenes,

Ayanne Larissa Almeida de Souza

passado aquilo: ele estava contente de si, com muita saúde. Dizia gracejos. Mas, mesmo para comer, ou falar, ou rir, ele deixava a boca própria se abrir alta no meio, como sem vontade, boca de dor. Eu não queria olhar para ele, encarar aquele carangonço; me perturbava. Então, olhava o pé dele – um pé enorme, descalço, cheio de coceiras, frieiras de remeiro do rio, pé-pubo. Olhava as mãos. Eu acabava achando que tanta ruindade só conseguia estar naquelas mãos, olhava para elas, mais, com asco. Com aquela mão ele comia, aquela mão ele dava à gente. (GSV, 1994, p.235)

A descrição de Hermógenes aparenta-se ao simbolismo animalesco do Diabo que, no ocidente medieval, emerge tal qual a figura de um bode. Os pés de Hermógenes, descalço e duros, tal como cascos de um animal, transforma a personagem em uma duplicidade entre bem e mal, entre o imaginário ctônico e urânico. Ainda que pareça repudiar o comportamento de Hermógenes, Riobaldo almeja pactar com o Diabo, o próprio Hermógenes, um seu próprio desdobramento. Riobaldo necessita entrar em contato com a sua dimensão obscura, terrena, carnal e descobre-se em Hermógenes, vivencia-se no outro, o estranho que habita em si projetado na realidade objetiva. O pacto de Riobaldo é o pacto com a esfera maligna da própria condição existencial humana. Tal como vê em Diadorim o que há de melhor em si, o que possui de mais sublime, sua esfera urânica, em Hermógenes experiencia o animal, o prazer e gozo da morte.

Diadorim e Hermógenes são a divisão do eu, a fragmentação da individualidade de Riobaldo, a quebra da unidade que permite o fracionamento do indivíduo ao infinito. Sendo o duplo idêntico àquele que é desdobrado e, ao mesmo tempo, distinto dele, ou mesmo seu oposto, Diadorim e Hermógenes, enquanto opostos complementares, insurgem-se enquanto partes incompreendidas pelo eu desdobrado. Por isso as muitas acepções de neblina, fumaça, utilizadas por Riobaldo, para se dirigir às personagens. Para que o eu desdobrado possa emergir e não sucumbir, faz-se necessário que os duplos aniquilem-se.

A cena da morte de Diadorim e Hermógenes, ambos matam-se um ao outro, é emblemática dentro da análise do mito do duplo. O duplo emerge como uma dimensão infinita em relação ao original desdobrado, pois a existência deste remete à sua própria finitude, uma vez que a condição existencial humana é a singularidade e, portanto, sua efemeridade. Os desdobramentos surgem como instâncias que imortais em confronto com a mortalidade do indivíduo. Contudo, mais do que a angústia da morte e da finitude, o sujeito desdobrado angustia-se diante da incerteza de quem duplicou quem. Riobaldo é real ou apenas um fantasma de seus fracionamentos? Diadorim e Hermógenes enquanto amplitudes das possibilidades humanas, das oposições contraditórias próprias à condição existencial própria do sujeito humano, são a

Ayanne Larissa Almeida de Souza

realidade, muito mais do que o indivíduo, Riobaldo, finito, efêmero e condenado de antemão ao nada?

Uma das cenas finais de Riobaldo explana claramente a duplicidade existencial humana. Estando com Borromeu, o cego, escuta atrás de si um riso que, em um primeiro momento, imagina ser o cego perto de si. Mas, ao dar-se volta, percebe que o riso viera de si próprio:

Nasci para ser. Esbarrando aquele momento, era eu, sobre vez, por todos, eu enorme, que era, o que mais alto se realçava. E conheci: ofício de destino meu, real, era o de não ter medo. Ter medo nenhum. Não tive! Não tivesse, e tudo se desmanchava delicado para distante de mim, pelo meu vencer: ilha em águas claras... Conheci. Enchi minha história. Até que, nisso, alguém se riu de mim, como que escutei. O que era um riso escondido, tão exato em mim, como o meu mesmo, atabafado. Donde desconfiei. Não pensei no que não queria pensar; e certifiquei que isso era idéia falsa próxima; e, então, eu ia denunciar nome, dar a cita:... Satanão! Sujo! dele disse somente – S... – Sertão... Sertão...

Na meia-detença, ouvi um limpado de garganta. Virei para trás. Só era o cego Borromeu, que moveu os braços e as mãos; feio, feito negro que embala clavinote. Sem nem sei por que, mal que perguntei:

– “Você é o Sertão?!”

– “Ossenhon perfeitamém, ossenhon perfeitamém... Que sou é o cego Borromeu... Ossenhon meussenhon...” – ele retorqui.

– “Voxe, uai! Não entendo...” – tartamelei.

Gago, não: gagoz. Conforme que, quando ia a falar, pressenti que a língua estremecia para trás, e igual assim todas as partes de minha cara, que tremiam – dos beijos, nas faces, até na ponta do nariz e do queixo. Mas me fiz. Que o ato do medo não tive. (GSV, 1994, p.851)

A ilusão do desdobramento do duplo termina com a morte, uma vez que quem morreu é o sujeito anteriormente desdobrado e não os fragmentos. Levando em consideração tal análise, Riobaldo desaparece enquanto sujeito singular e Diadorim e Hermógenes, como dimensões das possibilidades humanas, iluminadas e malignas, emergem como as únicas realidades cabíveis. O sujeito não possui essência, carece de um papel previamente determinado e, portanto, sua existência não pode possuir um sentido de antemão. O duplo une-se ao desejo de vencer a morte, contradição que se liga tanto à angústia da morte quanto ao aprisionamento do indivíduo à sua própria identidade, ao ser.

Riobaldo desdobra-se em neblina e fumaça, não alcança o conhece-te a ti mesmo socrático, uma vez que não possui um eu, um centro acima e além das possibilidades que estão sempre constituindo-se, em um eterno vir-a-ser. Sem essência, sem um centro, o indivíduo fragmenta-se, é e não-é, e o não-é é, e o é não é; torna-se, pois, o resultado destas dimensões contraditórias próprias do existir humano e que não podem ser apreendidas em sistemas conceituais. O ser não possui transcendência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de Guimarães Rosa, que reúne o regionalismo do sertão brasileiro com o universalismo dos questionamentos próprios da condição existencial humana, trouxe em seu bojo inovações estéticas, estilísticas e linguísticas que alçaram Rosa à categoria de um dos maiores gênios da literatura brasileira, o maior, certamente, do século XX, bem como um dos principais representantes da literatura lusófona. Sua produção literária abre espaço para as mais variadas e ricas interpretações filosóficas, semânticas e discursivas que apenas fazem seus leitores caminharem por entre os ser-tão, sertões e veredas de seus jogos de linguagem que mesclam o popular e o erudito, quebrando as fronteiras que delimitam os espaços predeterminados.

No artigo, apresentamos uma análise sobre o mito do duplo na obra *Grande Sertão: Veredas*, único romance e maior obra de Guimarães Rosa, percebendo as personagens Diadorim e Hermógenes como fragmentos, desdobramentos de um eu riobaldiano que não conhece a si próprio, ou melhor, que se (re)conhece, mas nega-se e projeta-se na realidade objetiva. Riobaldo vê-se através de neblinas e fumaças, tal como enxerga as personagens, decretando a impossibilidade de chegarmos a uma essência do indivíduo humano que faz a própria existência deste ser carente de um sentido. Sentido perdido, o eu fragmenta-se sem possuir um centro que possa conceder um norte. Nem herói nem anti-herói, Riobaldo é a expressão das contradições existenciais humanas insolúveis em si mesmas. Configura, pois, o desespero do não-ser, haja vista que a morte não representa a maior angústia do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BARGALLÓ, Juan Carreté. *Identidad y Alteridad: aproximación al tema del doble*. Sevilla, ES: Alfar, 1994.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRAVO, Nicole, Fernandez. O mito do duplo. In: BRUNEL, Pierre (org). **Dicionário de mitos literários**. Tradução de Carlos Sussekund et al. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário** – Introdução à arquetipologia geral. Tradução de Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Ayanne Larissa Almeida de Souza

FREUD, Sigmund. História de uma Neurose Infantil (O homem dos lobos), Além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920]. In: Obras Completas Vol. XIV. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEPPLER, C. F. **The literature of the second self**. Arizona, US: University of Arizona Press, 1976.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, Freda. CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

RANK, Otto. **Don Juan et Le Double**. Essais Psychanalytiques. Traduit par le Dr. Lautman. Collection Science de L'Homme. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1973. pp. 189.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira.

ROSENFELD, Kathrin. **Os descaminhos do Demo** – Tradição e Ruptura em Grande sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Imago Ed.; São Paulo: EDUSP, 1993.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo**. Tradução de José Thomaz Brum. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. Tradução de Paulo Perdigão. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.